

# Dossiê

Diversidade cultural/  
sexual e de gênero

tríade  
comunicação, cultura e mídia

## Corpo, mídia e identidade de gênero

Mônica Ferreira Cassana

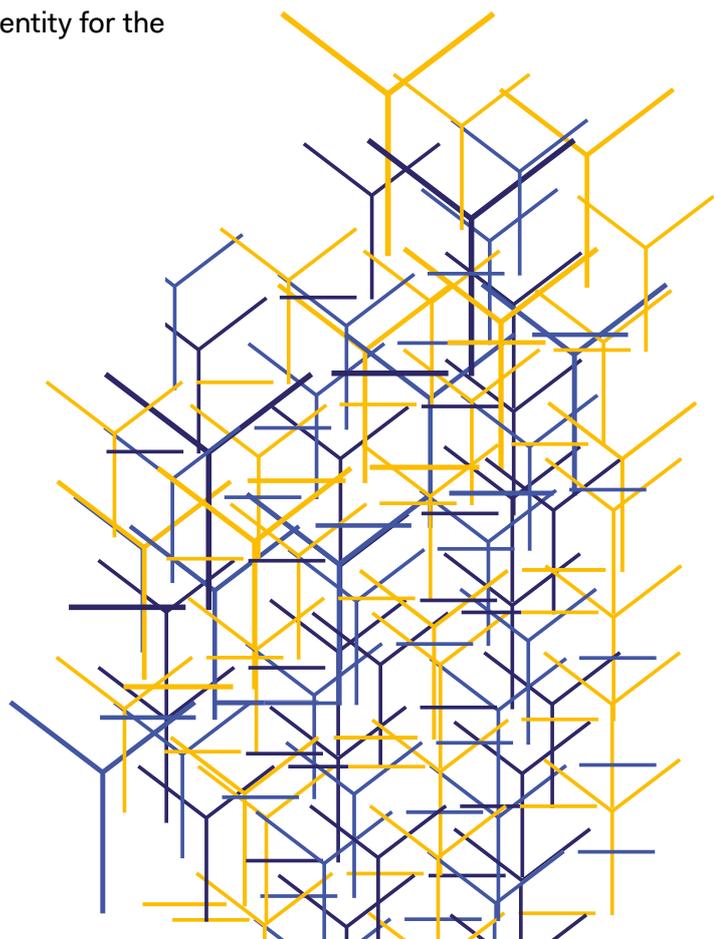
Universidade Federal do Pampa, Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil. Contato com a autora: [monicassana@gmail.com](mailto:monicassana@gmail.com).  
Orcid: 0000-0003-1541-1374.

**Resumo:** O presente artigo pretende promover uma reflexão sobre o discurso dos sujeitos transexuais no arquivo jornalístico/midiático, investigando as diferentes formas de subjetivação que transparecem nesse discurso. O corpus investigado reúne discursos coletados de reportagens sobre os sujeitos transexuais, veiculadas em portais de jornalismo on line. Como dispositivos teóricos e metodológicos, mobilizamos conceitos de sujeito, língua e ideologia da Análise de Discurso de linha francesa, fundamentada por Michel Pêcheux. Pretendemos demonstrar, através de nosso gesto de interpretação, de que forma as posições de sujeito jornalista e sujeito transexual se articulam de forma heterogênea no discurso. Ainda assim, como efeito de conclusão, é possível entender que há a constituição de uma distinta concepção de corpo, que nos permite pensar na instauração de diferentes concepções de identidade para os sujeitos desse discurso.

**Palavras-chave:** Discurso. Corpo. Mídia. Transexual.

**Abstract:** This study promotes a reflection on the discourse of transsexual individuals in news/media archives, investigating the different forms of subjectification that emerge in this discourse. The corpus investigated collected discourses from reports about transsexual individuals published in online journalism websites. As theoretical and methodological devices, we employed the concepts of subject, language and ideology, under the perspective of the French Speech Analysis, founded by Michel Pêcheux. We intend to demonstrate how the subject positions of the journalist and the transsexual individual interact and express themselves in different ways in the discourse. Conclusively, we understand that there is a constitution of a different conception of body, which allows us to consider the establishment of different conceptions of identity for the subjects of this discourse.

**Keywords:** Discourse. Body. Media. Transsexual.



## 1 Introdução

O modo peculiar como nós, sujeitos que pensamos a articulação entre linguagem e sociedade, vemos o material discursivo com o qual trabalhamos, ou seja, a maneira como o discurso está posto ao nosso olhar, suscita-nos muitas interrogações e nos provoca enquanto pesquisadores da linguagem. Assim, é preciso assumir um posicionamento distinto a cada novo material a ser analisado, de forma a entender a formulação de questões novas, interrogando-nos sobre os saberes preestabelecidos que significam no discurso em análise.

Considerando o lugar privilegiado da Análise de Discurso de linha francesa, conforme preconizada por Michel Pêcheux, trabalharemos na articulação dos elementos para pensar o gesto de apresentação que aqui será constituído. Pretendemos analisar um arquivo composto por reportagens jornalísticas sobre sujeitos transexuais, as quais foram publicadas em portais midiáticos e de jornalismo *on line*.

Para falar do modo como se produz o discurso jornalístico, precisamos problematizar duas categorias: a noção de corpo e a noção de mídia/jornalismo. Ao longo de nosso gesto de interpretação, pretendemos mostrar como a noção de corpo diverge nesse espaço, o espaço do discurso jornalístico/midiático. Mas a outra problematização, já traçaremos desde o princípio: a ideia de que ao falar do corpo dos sujeitos transexuais, não podemos falar na diferença entre discurso jornalístico e midiático, mas consideraremos que estamos trabalhando em uma fronteira. Isso porque entendemos que o corpo é tratado como espetáculo, no qual, a todo momento, os sujeitos precisam falar de seu corpo como se estivessem produzindo um efeito de explicação para aqueles que os ouvem/os leem.

Dentre todas as possíveis elaborações que podem surgir ao longo dos estudos de gêneros, podemos dizer que os sujeitos transexuais são aqueles que “lidam de forma diferente, em diferentes graus com o gênero ao qual se identificam” (JESUS, 2012, p. 14). Em relação à noção de corpo, podemos dizer que carrega a marca de uma diferença, pois a identidade feminina/masculina está “segundo as normas de gênero, referenciada no corpo (corpo-vagina-mulher, corpo-pênis-homem)” (BENTO, 2006, p. 113). É dessa forma que passam a fazer sentido, no discurso, os significantes do corpo, pois não correspondem aos saberes heteronormativos, mas se produzem através de um estranhamento em relação à forma tradicional (e dominante) sobre corpo. Assim, entendemos que os significantes do corpo são percebidos de formas distintas por aqueles que são sujeitos transexuais e por aqueles que não o são. Essas questões se revelam no modo como o discurso é produzido, pensando na articulação entre língua e ideologia.

No espectro da identidade de gênero, esse binarismo se desfaz. Passamos a falar de sujeitos cujos corpos transbordam a essas possibilidades limitadas, ou seja, sujeitos que se identificam de forma diferente com o modo em que seu corpo biológico está sendo representado pelo discurso biológico. Preciado fala sobre a identidade como “ação política” (2011, p. 15) ao entender que esta é uma forma de resistir ao discurso binarizante e heteronormativo sobre o corpo.

Isso significa que o que está em discussão nos relatos apresentados é o corpo desses sujeitos, cindido por uma voz outra que sustenta o seu dizer, uma vez que há uma sobreposição de sentidos para o que significa sexo e gênero. Lembramos que o sexo é biológico e o gênero é uma condição social. A noção de sexo está relacionada aos campos de estudo relacionados às ciências médicas e biológicas, enquanto a noção de gênero é trabalhada no âmbito das ciências humanas e sociais, nas quais a dimensão do corpo é pensada como constitutiva do sujeito e não como um saber normativo ao qual este se submete.

Assim, o discurso desses sujeitos se constitui sob a ótica de uma heterogeneidade, ou seja, através de um dizer que se sustenta por uma voz outra, “inscrevendo o outro na sequência do discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 1). Procuramos demonstrar como, através da análise, o discurso do sujeito se constitui atravessado pelo outro, estabelecendo aí um *efeito* de identidade, que, ao longo de nossa análise, entenderemos como (im)possível, pois revela de si o que o outro diz. Pensamos nessa hipótese, amparados na concepção que Dufour (2005) postula, “ser sujeito hoje”, na qual há uma ideia de ruptura com as formas de subjetividade entendidas anteriormente. Assim, acreditamos que não podemos falar de uma identidade, rígida, fixa, estável, mas em identidades plurais e heterogêneas (HALL, 2005).

## 2 Traçando o percurso

Para delinear o percurso de análise, é necessário dizer que o modo como nos depararemos com as reportagens passa por momentos distintos e complementares. Distintos por que se diferem entre si, uma vez que o olhar do analista se aprofunda em questões que o próprio material de análise impõe. Complementares porque cada um desses momentos de constituição do arquivo permite compreender a concepção de sujeito, língua e ideologia que está sendo constituída nesse discurso, observando aí a(s) identidade(s) que estão em jogo.

O primeiro momento diz respeito à constituição do arquivo empírico. É a partir de nossas questões iniciais que faremos as elaborações primeiras, estabelecendo nosso corpus discursivo, que se constitui o segundo momento de nosso percurso. No entanto, novamente retomamos a questão da complementaridade, pois assim como afirmam Guilhaumou e Maldidier (2010), é preciso que, no movimento de análise, retornemos constantemente ao arquivo para que vejamos a articulação entre a materialidade linguística e as relações histórico-sociais.

É necessário que consideremos também a (im)permanência desses discursos – que são jogados à rede, estando disponíveis mundialmente em um dia, e que talvez possam ser suprimidos em outro. Essa questão nos remete à temporalidade do arquivo. Embora as palavras ditas nas reportagens não possam ser mudadas, a transposição para a escrita passa por edições de texto, (re)cortes, censura. Considerando a mobilidade das redes de comunicação digital, até mesmo a extinção desse arquivo pode modificar nosso acesso a esses discursos, o que nos faz pensar em sua fragilidade, ainda que, assim que disponibilizado, possa ser multiplicado, replicado, compartilhado com todos.

Assim, as noções de corpus e arquivo não são categorias teóricas distintas e separadas. Sabemos que o arquivo nunca é dado *a priori* (GUILHAUMOU e MALDIDIER, 2010, p. 162), já que, “em uma primeira leitura, seu funcionamento é opaco”. Isso nos leva a compreender como trabalhamos com uma espécie de fio de dizeres, que vão constituindo uma rede de sentidos. Dessa forma, o arquivo não pode ser confundido como um simples “documento no qual se encontram referências” (GUILHAUMOU e MALDIDIER, 2010, p. 162), porque, a partir do arquivo que construímos, buscaremos os sentidos – articulados ao linguístico e ao histórico – os quais nos fazem compreender o funcionamento do discurso.

Constituído por um universo de dizeres que se relacionam com o discurso que queremos analisar, e com outros já-ditos em outros lugares, o arquivo é formado, conforme nos afirma Pêcheux (2010, p. 51), como um “campo de documentos pertinentes sobre uma questão”. É a partir do arquivo, portanto, que formularemos as perguntas, daremos início ao nosso gesto de leitura, que nos conduzirá à análise das sequências, pinçadas desse universo de sentidos. Na análise discursiva, a relação entre materialidade linguística e histórica ocorre justamente pelo retorno ao arquivo. É através dessa relação que entendemos os elementos pré-construídos e conseguimos estabelecer o encadeamento entre um saber e outro.

A seleção do material de arquivo, que resulta na escolha das sequências discursivas (SD), constitui nosso corpus discursivo, sobre o qual nos debruçamos a fim de analisarmos os movimentos, as filiações sócio-históricas, a constituição dos processos de identificação do sujeito em consonância com os aspectos teóricos da teoria discursiva pecheutiana. Segundo Mittmann:

Não há uma passagem natural da dispersão do arquivo à seleção de textos de nosso corpus empírico e deste à organização das sequências discursivas que formam o nosso corpus discursivo. As passagens somente se dão pelo retorno constante à teoria e, por vezes, pelo deslocamento/surgimento de sentidos, de noções, de percursos (MITTMANN, 2007, p. 158).

O trabalho de constituição do corpus discursivo requer uma “concepção dinâmica”, tal como nos alerta Courtine. Essa concepção, segundo o autor, não pode considerar o corpus como um “conjunto fechado de dados dependente de uma certa organização” (2009, p. 115). O corpus será um “conjunto aberto de significações”, já que sua construção implica a retomada teórica de conceitos, fazendo com que nós, analistas, sejamos constantemente provocados a nos interrogar sobre as múltiplas possibilidades de interpretação. Por isso, conforme Mittmann (2007, p. 158), a constituição do corpus discursivo é marcada por idas e vindas, que representam o cuidado criterioso do analista em articular a seleção das SD (Sequências Discursivas) com as propostas teóricas da análise do discurso.

### **3 A inscrição dos discursos na/da mídia**

No processo de construção de nosso corpus discursivo, nos guiamos teórica e

metodologicamente pelos saberes da Análise de Discurso. A distinção, efetuada por Courtine (2009, p. 77), sobre o *corpora* experimental e o *corpora* de arquivo também é interessante para a discussão sobre o assunto. Para o autor, os *corpora* de arquivos constituem-se a “partir de materiais preexistentes”, como por exemplo os arquivos dos historiadores. Os *corpora* de arquivo já estariam, portanto, disponíveis para o analista efetuar seu recorte, recorrendo às condições de produção históricas e aos documentos que parecem estar sedimentados no tempo no espaço, prontos para serem despertados pelas inquietações dos analistas.

Já os *corpora* experimentais equivaleriam, segundo Courtine, àquelas sequências discursivas que são produzidas por “locutores colocados em situação experimental definida” (2009, p. 77), isto é, discursos produzidos “especialmente” para a análise em questão. A produção de um texto em resposta a uma pergunta seria um exemplo que se enquadraria nesse tipo de definição de *corpora*.

No entanto, nem Courtine nem a AD trabalham com condições de produção homogêneas. Tampouco ignoram a presença de ideologia como fortemente atravessada aos discursos analisados. Por isso mesmo, “enquadrar” um discurso em determinado exemplo é um risco, porque ao enquadrá-lo podemos apagar justamente os efeitos de sentido que incidem no discurso, limitando nossa análise.

Isso nos leva a pensar na questão das reportagens que são escritas pelos sujeitos jornalistas. Uma série de elementos é convocada para as considerações das condições de produção que delinearão a constituição de identidade(s). Primeiramente, o discurso dos sujeitos transexuais é submetido ao recorte que faz o sujeito jornalista. Nesse recorte, devemos considerar o papel da memória e da ideologia, que delimitam aquilo que “pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1975).

O discurso do sujeito transexual pode estar sustentado pelos sentidos do discurso do sujeito jornalista. Nesse caso, haveria uma identificação ao discurso do outro, em que os sentidos são compartilhados por ambos. No entanto, em alguns momentos, esse discurso pode romper com o estabilizado, havendo uma cisão com o previamente estabelecido, propiciando novos sentidos que apontam para diferentes (ou divergentes) posições.

Assim, como qualquer discurso, uma reportagem jamais será um espaço ingênuo de produção de saberes. É nesse ponto que o analista deve refletir sobre o modo como tratará esse discurso: é preciso considerá-lo um *corpora* de arquivo ao mesmo tempo em que devemos desconsiderá-lo, tratá-lo como experimental, já que um discurso jamais será igual ao outro.

Lembrando-nos sempre do que nos diz Pêcheux (1983) a respeito dos universos logicamente estabilizados de sentidos, não podemos considerar que um discurso se *enquadra* de um modo *ou* outro, mas, sim, que um discurso pode ser um e outro. A reportagem é entendida por nós como um jogo de posicionamentos, em que podemos, por meio dos elementos silenciados, negados, perceber a posição dos sujeitos que estão colocados nessa arena discursiva.

Entendemos que o efeito de unidade, de veracidade, pretendido pelo sujeito jornalista se esvazia nas palavras do transexual, que é, por sua vez, também sujeito do inconsciente, falho, conforme a articulação que Pêcheux realiza, sobretudo a partir da publicação da obra *Semântica*

e Discurso, em 1975, com os estudos psicanalíticos, principalmente os da teoria lacaniana. Assim, ao assumir a posição de ter seu discurso reportado por outro, o sujeito desliza na língua e não é “capturado” pelo tema da reportagem, mas, sim, captado pela falta, pela ilusão de que é sujeito do seu dizer.

A reportagem, portanto, pode se constituir em um modo de investigar o sujeito, delineando sua identidade. No entanto, ao avançarmos nessas questões, veremos que as formas de subjetivação são construídas através do discurso, daquilo que pode ser lido, mas também daquilo que transparece através da memória, da ideologia e do percurso do sujeito na mobilização dos sentidos.

Em nossa concepção, a reportagem compreende um jogo em que o sujeito jornalista pretende prever de antemão os sentidos que o sujeito, equivocado pela ilusão do controle do que diz, dá às suas palavras. Nesse discurso em que se alternam as posições do sujeito jornalista e do sujeito transexual, pode ocorrer um efeito de sustentação, em uma aparente identificação com o discurso do outro, ou um deslocamento dos efeitos desse dizer, provocando estranhamentos e produzindo novos saberes.

Como nos diz Orlandi (1999, p. 65), “construímos, a partir do material bruto, um objeto discursivo em que analisamos o que é dito nesse discurso e o que é dito em outros, em outras condições, afetados por diferentes memórias discursivas (ORLANDI, 1999, p. 65)”. É desse material bruto que partiremos para investigar os processos discursivos que se colocam em jogo nas diferentes posições a que se filiam sujeito jornalista e sujeito transexual.

#### **4 Análises**

A concepção de corpo se reflete nas posições assumidas, sustentando as vozes daquele sujeito sobre o qual se fala (transexual) e aquele que, na ilusão da completude, constrói o discurso sobre o outro (jornalista). Na instituição heterogênea desse discurso, incidem elementos que apontam para distintas concepções ideológicas de corpo. Tais elementos são (re)inscritos na reportagem jornalística e se colam ao discurso do sujeito, parecendo evidentes e naturalmente presentes no discurso.

Nessa análise, estabelecemos um instrumento metodológico de organização do corpus. O recorte 1 reúne sequências discursivas que tratam da introdução da voz do sujeito, a partir do aspeamento, isto é, da colagem de sua voz ao discurso, de forma direta, a partir da marca linguística das aspas. Essa forma de introdução da voz do sujeito produz no interlocutor um efeito de verdade sobre o que foi dito, como se o sujeito-jornalista tivesse inscrito as palavras do sujeito tal qual foi dito.

Já o recorte 2 reúne sequências discursivas que introduzem a voz do sujeito transexual a partir do discurso indireto, ou seja, através de verbos de dizer que desdobram a voz do sujeito transexual. Entendemos que as duas vozes se fundem, cabendo ao sujeito jornalista ser uma porta-voz do discurso outro. Assim, não temos acesso às palavras do sujeito transexual,

mas sabemos o que é dito através das palavras do sujeito jornalista que as interpreta para o interlocutor.

**Recorte 1:**

[Sequência discursiva 1]

Solteira, Carol contou que aproveitou o evento para ver os gatinhos. “Hoje aproveitei para paquerar e troquei telefone com dois gatinhos. Vamos ver o que acontece quando eles descobrirem que sou ‘tchutchuca’, não sei se a paquera vai adiante. Eu fico muito chateada e triste quando as pessoas ficam perguntando da minha genitália. Ser trans não é um adjetivo. Isso não pode ser mais importante do que o meu talento ou quem eu sou”, afirmou ela, que já se decepcionou em alguns relacionamentos. (RODRIGUES, 2016).

Na análise da sequência discursiva acima vemos duas vozes: a primeira enuncia a posição do sujeito-jornalista, responsável pela produção da reportagem. Notemos que a relação estabelecida entre corpo e sexualidade está expressa, em que o sujeito-jornalista apresenta o sujeito transexual a partir de seu estado civil e de seu modo de subjetivação da sexualidade. Aqui, voltamos à questão do corpo como espetáculo, que precisa ser midiaticizado, lançado em sua posição fora do corpo concebido no saber tradicional.

Por sua vez, o sujeito trans mostra que “ser transexual não é um adjetivo”, ou seja, não é por essa condição que um sujeito deve ser identificado. No entanto, é através da genitália, do saber estritamente sexual e biológico, que o sujeito tem a concepção de corpo, e de identidade, construída: “as pessoas ficam perguntando da minha genitália”. Em uma relação em que o órgão genital parece instituir a identidade de gênero.

É através das palavras do outro – a sociedade (“as pessoas”) e o próprio sujeito jornalista – que esse discurso se constrói. Dessa forma, não é o que o sujeito diz sobre si, mas as palavras sobre ele que são reportadas em seu próprio discurso. Além disso, pensamos sobre a necessidade de o discurso jornalístico marcar linguisticamente a identidade de gênero do sujeito, fazendo com que a memória e o imaginário atuem no gesto de leitura, utilizando a palavra transexual como o adjetivo, afastando a posição do sujeito do jornalista com a posição do sujeito transexual.

A marca da voz do outro irrompe no discurso do sujeito através do vocábulo “tchutchuca” e denota algumas possibilidades de análise, como o aspeamento, que nos leva a refletir sobre as marcas linguísticas que revelam 1. O gesto do sujeito jornalista em deixar entre aspas uma palavra própria da oralidade; 2. O gesto do sujeito transexual em mascarar sua identidade de gênero, substituindo a palavra transexual por “tchutchuca”, produzindo uma ilusão de que aqueles que vierem a conhecê-la poderão saber a sua identidade de gênero.

Nos dois casos, lembramo-nos de Authier-Revuz (1990, 1998, 2004) sobre a relação de distanciamento do outro, tanto do sujeito jornalista para com o sujeito transexual quanto do sujeito transexual em relação ao seu próprio corpo, incapaz de dizer o nome da sua condição de gênero. Diz a autora que há duas formas de heterogeneidade presentes no discurso: a forma constitutiva, já que “a língua só se realiza atravessada pelas variedades de discursos que se relativizam umas às outras em um jogo inevitável de *fronteiras* e de *interferências*” (2004, p.

68, grifos da autora). Isso significa que circunscrever o outro no discurso é um ato inconsciente do qual o sujeito não possui controle. O outro caso de heterogeneidade diz respeito à forma marcada linguisticamente, ou seja, quando essa fronteira entre o sujeito que fala e aquele que “traduz” esse discurso fica demarcada por aspas e verbos de dizer. Para a autora, no fio do discurso, o locutor, sujeito que fala, inscreve o outro na linearidade do dizer, através dessa forma, que a autora chama de “heterogeneidade explícita” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12).

Entendemos que há um estranhamento do sujeito em relação à língua: por que a transexualidade não pode aparecer, sendo apagada por uma expressão da oralidade que possui uma infinidade de sentidos? Essa escolha revela a posição do sujeito interpelado pela ideologia dominante que usa o vocábulo “transexual” como adjetivo e “tchutchuca” para designar a si, mostrando a apagamento evidente desses sujeitos, ainda na atualidade.

Além disso, o qualificativo “tchutchuca” se relaciona com um tom humorístico, de ironia, que está marcado na língua portuguesa, falada no Brasil. A ironia também se manifesta como uma forma de dizer algo sem dizê-lo, uma vez que o sentido escapa à significação exata e pré-construída, ou seja, o sentido se faz na própria discursivização.

O enunciado final “[...]afirmou ela, que já se decepcionou em alguns relacionamentos” identifica, novamente, o sujeito a partir de sua relação com o outro. O leitor é informado sobre o modo de expressão da sexualidade do sujeito, como se houvesse a necessidade de marcar discursivamente essa relação. A voz do sujeito jornalista, expressa através da referência ao verbo de dizer “afirmou”, demonstra uma posição de afastamento entre as suas palavras e do sujeito transexual, demonstrando não apenas a heterogeneidade desse discurso, mas as posições distintas que aí se constroem.

[Sequência discursiva 2]

“Eu sofro bullying todo dia. O gay sofre muita discriminação, mas o transexual é mais. Somos o lixo do mundo”, afirmou. “Há cinco anos brigo abertamente com meu corpo. Tem dias que você se odeia e pergunta por que Deus fez isso com você”, desabafou. (JORNAL DO BRASIL, 2011)

Já no primeiro enunciado dessa sequência, percebemos a incidência do discurso outro no discurso do sujeito transexual. O enunciado “nós somos o lixo do mundo” é formulado pelo sujeito com base nas representações do outro e incide no discurso do sujeito como um pré-construído, afinal, esse saber pertence a um outro discurso, que o vê como “lixo”. Como nos lembra Pêcheux (2009 [1975]), são essas manifestações do outro que interpelam e assujeitam o sujeito. As designações, as injunções que o outro impõe e estabelece ao sujeito formam um conjunto de elementos imaginários pelos quais esse sujeito acredita estar identificado. O autor nos diz que:

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem” aquilo que chamaremos o

*caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 146, grifos do autor).

Assim, no discurso do sujeito transexual, passam a ser mencionados, como se fossem naturais e evidentes, os sentidos sobre o que é ser um transexual. O sujeito passa a discursivizar saberes sem questioná-los e refere-se a si mesmo como “lixo”, como um sujeito que odeia a si e ao seu corpo. Há, também, nesse discurso, uma alternância pronominal que coloca o sujeito na situação discursiva (eu sofro/o transexual/ (eu) brigo/ você se odeia), que nos provoca pensar sobre o enfrentamento pelo qual passa o sujeito, mesclando várias vozes que falam desde si até a irrupção da voz do outro sobre o sujeito.

Além disso, os verbos “brigar” e “odiar” revelam o peso de sentidos que determinam a posição do sujeito transexual, que também se questiona sobre seus processos de subjetivação. Esses verbos demonstram a divergência das concepções de corpo, uma vez que o sujeito “briga abertamente com seu corpo”, o que revela a posição contrária que se coloca. O advérbio “abertamente” demonstra esse estranhamento na concepção do corpo, que diverge de outras posições, assumindo o corpo transexual como estranho, diferente, fora da concepção tradicional. Dessa forma, o sujeito briga “abertamente” porque se coloca numa posição de desentendimento em relação ao seu próprio corpo, como se olhasse seu corpo de um lugar de fora.

O discurso do sujeito jornalista aparece como um resto: os verbos de dizer “afirmou” e “desabafou” aparecem como resquícios de voz, como se o sujeito jornalista atuasse apenas como um repórter da voz do sujeito transexual. No entanto, esses significantes dizem respeito ao efeito de certeza (“afirmou”), justamente por ser um verbo bastante recorrente no discurso jornalístico, em que o sujeito (jornalista) pensa que o sujeito (transexual) tem sobre seu corpo. O significante “desabafou” revela a escuta do sujeito transexual pelo sujeito jornalista, como se aquele merecesse ser absolvido por este.

Além disso, esse discurso nos impulsiona a pensar ainda mais sobre o sujeito transexual e a formação da(s) identidade(s). Na coerção da lógica disjuntiva, tal qual nos mostra Pêcheux (2012 [1983]), o sujeito não poderia ser homem e ser mulher. Mas, de acordo com a perspectiva discursiva, nas condições de produção em que analisamos esse discurso, há a ruptura com tal lógica. Assim, a língua põe em evidência a falha no processo de interpelação, mostrando-nos a resistência do sujeito frente ao saber dominante. O sujeito do discurso, aqui, assume uma posição de militância em que fala pelos outros e por si, mas ainda possui um certo distanciamento, como se ao falar dos outros, não estivesse totalmente incluído nessa parcela de sujeitos que quer representar.

[Sequência discursiva 3]

“Minha essência é de mulher”, se defende transexual brasileira do vôlei. (IG SÃO PAULO, 2017)

Nesta sequência, observamos que a voz do sujeito incide de forma direta, sem a intervenção do sujeito jornalista. A fala do sujeito é inscrita entre as aspas, marcando tanto

a fala do sujeito que enuncia quanto o distanciamento entre o sujeito transexual e o sujeito jornalista. Para Authier-Revuz (2004, p. 12) “no discurso direto, as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço – claramente recortado da citação na frase; o locutor se apresenta como simples “porta-voz””.

O verbo de dizer é inscrito na linearidade através da forma linguística “se defende”. Essa forma antecipa os sentidos sobre a transexualidade, como se ser mulher fosse uma proteção do sujeito a favor dele mesmo e não apenas uma condição identitária de gênero. Novamente, se fizéssemos uma paráfrase desse enunciado em relação a um sujeito biologicamente mulher, esse enunciado seria da ordem de um absurdo, pois não seria provável de ser discursivizado. Qual a defesa em alguém dizer-se mulher?

Observamos que aqui é estabelecida, ao contrário das sequências anteriores, uma afirmação, apoiada na ideia que há um sentido pleno de ser mulher, que sustenta na ideia de que há uma essência, através da relação interior-exterior, essência-aparência, alma-corpo. A ideia de um binarismo próprio que se produz dentro de uma concepção normativa dos gêneros.

A identificação com a “mulher plena” ocorre aqui pelo desejo de ser. Além disso, observamos a dualidade da noção de corpo versus alma. Essa oposição entre corpo e alma desvela um sentido religioso que está relacionado ao discurso do sujeito transexual. A alma feminina estaria, assim, preterida em relação ao corpo. De acordo com Braga (2010, p. 33), a alma julga o corpo e quer transformá-lo, havendo um embate constante entre corpo e alma, no processo de fabricação do corpo.

Além disso, dizemos que o fato de o sujeito discursivizar essa oposição entre o corpo e a alma revela uma adesão a uma FD religiosa. Notemos ainda que, nesse aspecto, o vocábulo transexual é topicalizado: aqui o sujeito não constrói seu discurso através de um desejo (quero), mas, sim, através de uma determinação que, ultrapassando o desejo, afirma um saber relativo a todos os sujeitos transexuais.

## **Recorte 2:**

[Sequência discursiva 4]

Transexual diz ter sofrido preconceito durante exame do SUS em Nazareno, MG.

Segundo ela, funcionários não permitiram que ela usasse nome social nos exames, direito que é garantido por uma lei estadual desde 2009. (JORNAL DA EPTV, 2017)

Na análise dessa sequência, percebemos uma transposição daquilo que o sujeito diz como um sentido de possibilidade: “diz ter sofrido” não é equivalente a “sofreu”, ou seja, está relacionado à hipótese de haver sofrido algum tipo de preconceito. O sujeito jornalista não se responsabiliza pelas palavras ditas, delegando ao sujeito trans a responsabilidade dessa enunciação.

A expressão “segundo ela” confirma esse sentido, afirmando que a responsabilidade pelo enunciado é apenas do sujeito transexual, a quem identificamos como uma mulher, pois o

elemento que identifica o gênero aparece em um segundo plano na notícia analisada.

Assim, observamos um ocultamento das palavras do sujeito transexual pelo discurso do sujeito jornalista. Paradoxalmente, o sujeito transexual não é “convidado” a falar diretamente, sendo suas palavras apenas reportadas pelo outro, aquele que imaginariamente detém os sentidos de controle sobre o que está sendo dito.

Esse funcionamento discursivo ocorre também na SD5:

[Sequência discursiva 5]

Aluna trans diz sofrer preconceito ao usar banheiro feminino em faculdade.  
Ágatha Mont cursa licenciatura em artes na FMU, no Centro de SP. Porta de sanitário foi pichada com mensagem: ‘Macho de saia, não’. (GONÇALVES, 2016)

Novamente, o verbo de dizer está presente. Deixando a voz do sujeito jornalista como reportador desse discurso, temos acesso à voz do sujeito trans, que, por sua vez, “diz sofrer”, isto é, constrói-se, no discurso jornalístico, um sentido de incerteza sobre o que está sendo dito. O sujeito jornalista se isenta da responsabilidade, delegando ao sujeito transexual a responsabilidade da enunciação. No entanto, ao inscrever, na linearidade, a expressão “diz sofrer”, o sujeito jornalista adere a uma formação discursiva que tenta deslegitimar o sofrimento do sujeito transexual. Esse processo se trata de uma forma de discurso relatado indireto, que, conforme Authier-Revuz (1998, p.18), “representa um dizer outro de forma não-opacificante”, isto é, como se os sentidos do dizer do sujeito trans estivessem sendo relatados da forma como aconteceram. No entanto, é justamente pela marca linguística “diz sofrer” que temos acesso a esse desdobramento, através do qual observamos a sobreposição das vozes do sujeito jornalista ao discurso do sujeito transexual.

Outra vez, somos apresentados ao verbo “sofrer”. A repetição desse verbo não diz respeito somente à ação de “sofrer preconceito” como uma ação necessária ao substantivo “preconceito”, mas como uma marca da angústia desse sujeito que padece, sofre em nossa formação social.

Não veríamos enunciados semelhantes fora do escopo da identidade de gênero. Se estivessem relacionados às concepções binárias e normatizadas, seria impossível ou, pelo menos, estranho, depararmos com enunciados semelhantes. Realizando um apagamento do elemento qualificativo “trans” do enunciado acima, teríamos: Aluna diz ter sofrido preconceito ao usar banheiro feminino em faculdade. Ora, um enunciado como esse seria improvável, uma vez que o banheiro feminino é de uso das alunas de uma faculdade, das mulheres de uma faculdade. O que provoca o deslocamento desse enunciado para outra ordem diz respeito à inclusão da identidade de gênero dessa aluna, o que se torna motivo de preconceito e, por consequência, de notícia.

Observemos, ainda, que o enunciado “Macho de saia, não”, inscrito na porta do banheiro, foi reproduzido. É preciso atentar para a marca das aspas, que fazem não a sobreposição, mas a transposição daquilo que foi enunciado.

[Sequência discursiva 6]

Servidor público transexual alega ter sido vítima de transfobia em escola de SP

Étory Luis Gonzaga também move um processo contra a Unimed de Araras para conseguir realizar dois procedimentos cirúrgicos.

(MARIN, 2017)

Nesta sequência discursiva, percebemos que o verbo que reporta o discurso é “alegar”. “Alegar” significa dizer, mas ao mesmo tempo, aponta para um sentido de defesa daquilo que se está dizendo. Quem alega, nesse enunciado, é o sujeito transexual. Nas condições de produção analisadas, o sujeito alega, isto é, diz, defendendo-se, que foi vítima de transfobia. O sujeito jornalista, através das pistas linguísticas e discursivas que analisamos, distancia-se dessa afirmação, deixa os sentidos sob responsabilidade daquele que diz ter sido vítima, embora a voz desse sujeito esteja sendo dita por meio das palavras do sujeito jornalista.

O fato de o sujeito ter sido vítima o coloca em uma posição passiva: parece-nos que mais do que “sofrer preconceito”, o sujeito aqui é determinado através de uma nominalização, colocado em um lugar previamente: o lugar da vítima.

Essa posição de passividade é rompida com a expressão “também move”, que coloca o sujeito em um lugar não ocupado anteriormente: um lugar ativo em que realiza a ação imposta pelo verbo “mover”.

## 5 Algumas considerações

Ao longo do texto, buscamos demonstrar em nosso corpus, a compreensão do discurso dos sujeitos transexuais em reportagens veiculadas no espaço midiático/jornalístico. Tentamos evidenciar como esse discurso se constrói através de um posicionamento heterogêneo de vozes que se alternam: a do sujeito jornalista e a do sujeito transexual. O elemento que nos possibilita perceber essa heterogeneidade de posicionamentos é noção de corpo, a qual (trans)parece como elemento principal para (re)velar sua identidade. Dessa forma, as palavras daquele que produz o efeito de completude do jornalístico sustenta e delinea as palavras do sujeito transexual.

A partir dessa análise, compreendemos que, na reportagem, o processo de significação é dirigido, ou seja, a voz do sujeito sobre o qual se fala é conduzida através das palavras do sujeito que redige, edita, transforma o discurso jornalístico. Através de um confronto de sentidos, os quais apontam para espaços ideológicos divergentes, percebemos como o corpo do sujeito é alvo de questionamentos e dúvidas, passando a ser o elemento central sobre o qual esse discurso jornalístico se constitui.

A língua, que denuncia os processos pelos quais passa o sujeito, provoca-nos a pensar sobre o apagamento do sujeito transexual na constituição da sua identidade. Relembramos, por exemplo, a sequência discursiva 1, em que o uso de uma palavra por outra (“tchutchuca”) revela uma voz outra irrompendo no discurso do sujeito. Afinal, o que esse vocábulo afirma sobre esse sujeito? O que significa ser “tchutchuca”? O que está sendo apagado ou esquecido ao usar uma palavra e não outra? Deparamo-nos, assim, com um colamento da língua com a ideologia, que

revela a (im)possibilidade de o sujeito se dizer nesse discurso.

Já na sequência discursiva 2, o elemento pré-construído “lixo”, por sua vez, advém de um saber dominante, que indica os corpos que são certos, ou seja, que estão de acordo com a “normalidade” instituída pelos padrões heteronormativos. Tais sentidos também estão atravessados no discurso do sujeito como uma verdade absoluta. Assim, os corpos que não correspondem ao padrão devem ser considerados lixo, devem ser descartados, afastados do olhar.

A língua também demonstra os deslizos do sentido, como por exemplo, na alternância do pronome, em que o sujeito se (des)marca. E deixa marcadas, através das falhas da língua, o seu corpo também falho, também humano, constituindo-se, dessa forma, como sujeito, constituindo, assim, sua(s) identidade(s), afastada(s) da concepção de corpo daquele que fala sobre o sujeito.

Dessa forma, a partir dos discursos analisados, percebemos que o discurso do sujeito transexual, nas condições de produção midiáticas/jornalísticas, é um discurso que nos provoca a pensar sobre os saberes que aí se instauram para entender que a noção de corpo se distingue e se mostra legítima. Sendo assim, é necessário demonstrar que as concepções de corpo se divergem, através da articulação da língua e da ideologia, sendo elementar para pensar a constituição de identidade(s) do sujeito transexual relacionado ao gênero, e não ao aspecto biológico.

Tentamos demonstrar como as informações veiculadas jornalisticamente exercem papel preponderante na construção do discurso do transexual, através dos desdobramentos das vozes dos sujeitos, introduzidas pelos verbos diz, alega, (se)defende, contou, afirmou, desabafou., que introduzem uma voz outra que não aquela do sujeito, como fundamentamos através dos estudos de Authier-Revuz (1990;1998; 2004). A partir das questões apresentadas, entendemos que o discurso do transexual se situa em uma tensão entre a sua identidade, uma vez que está sendo produzido entre a sua identidade biológica e a identidade do outro, de outro gênero, aquele que gostaria de ser.

Percebemos que o atravessamento de outros saberes no discurso do sujeito ocorre de forma a reprimi-lo. Tanto na afirmação quanto na negação de saberes, o discurso do sujeito é construído de forma a refutar saberes que não encontrariam espaço em regiões centrais e dominantes de sentido. Além disso, a difusão de um discurso jornalísticos atua na propagação desses saberes, já que, ainda que abra espaço para o discurso desses sujeitos não permite a transformação dos sentidos, mas, sim, a repetição do mesmo.

Por meio dessas sequências, vemos como ocorre o funcionamento do discurso do transexual, e acabamos por interpretar como ainda estamos diante de tentativas de silenciamento, lançando tais sujeitos a um movimento que tenta torná-los invisíveis. No entanto, pela contradição constitutiva que nos torna sujeitos em nossa formação social, é justamente o atravessamento desses sentidos de silêncio e de negação, que possibilita a constituição de um dizer de resistência à dominação.

As vozes para as quais o sujeito responde são as vozes de um saber que afirma que os transexuais são sujeitos estranhos, bizarros, aberrações. O sujeito se antecipa a elas, dizendo

que não é isso, porque acredita que pode imaginar as representações que o outro faz dele. São esses processos que criam os efeitos de sentido do discurso.

## Referências

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: **Cadernos de estudos lingüísticos**, 19. ed. Campinas: UNICAMP – IEL, jul./dez, 1990.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BRAGA, Sandro. **O travesti e a metáfora da modernidade**. Palhoça: Editora da Unisul, 2010.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Paulo: EdUFSCar, 2009.

DUFOUR, Dany-Robert. **A arte de reduzir as cabeças**: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Trad. Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

GONÇALVES, Gabriela. **Aluna trans diz sofrer preconceito ao usar banheiro feminino em faculdade**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/11/aluna-trans-diz-sofrer-preconceito-ao-usar-banheiro-femininoem-faculdade.html>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos de arquivo: a análise de discurso no lado da história. In: ORLANDI, Eni. **Gestos de leitura**. Campinas: Unicamp, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IG SÃO PAULO. “**Minha essência é de mulher**”, se defende transexual brasileira do vôlei. Disponível em: <<http://esporte.ig.com.br/volei/2017-02-23/transexualbrasileira-italia.html>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional: Brasília, 2012.

JORNAL DA EPTV. **Transexual diz ter sofrido preconceito durante exame do SUS em Nazareno, MG**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/transexual-diz-ter-sofrido-preconceito-durante-exame-do-sus-emnazareno-mg.ghtml>>. Acesso em 05 mar. 2018.

JORNAL DO BRASIL. “**Somos o lixo do mundo**”, diz Lea T. sobre transexualidade. Dispo-

nível em: <<http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2011/09/29/somos-o-lixo-domundo-diz-lea-t-sobre-transexualidade/>>. Acesso em 05 mar. 2018.

MARIN, Ana. **Servidor público transexual alega ter sido vítima de transfobia em escola de SP**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/servidor-publico-transexual-alega-ter-sido-vitima-de-transfobia-em-escola-de-sp>>. Acesso: em 05 mar. 2018.

MITTMANN, Solange. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. In: FERREIRA, Maria Cristina; INDURSKY, Freda. **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 153-162.

ORLANDI, Eni. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento (1983). Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni. **Gestos de leitura**. Campinas: Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio (1975). Campinas: Unicamp, 2009.

PRECIADO, Beatriz. Multidões quer: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**. Florianópolis, janeiro-abril./2011. p. 312.

RODRIGUES, Cristiane. **Carol Marra mostra truque para não mostrar demais com decote profundo**. Disponível em: <<http://ego.globo.com/moda/noticia/2016/04/carolmarra-mostra-truque-para-nao-mostrar-demais-com-decote-profundo.html>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

Recebido em: 14/08/2017

Aprovado em: 03/12/2018